

Anistiado político: ALEXANDRE ALVES DE ALMEIDA

Data de nascimento:

Chamo-me Alexandre Alves de Almeida, cheguei a Goiás no ano de 1946 e me fixei em Anápolis, vindo da cidade de Barreiras na Bahia.

PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO

Aqui me vinculei a Aluizio Crispim e Basileu Pires Leal. Entrei no Partido Comunista a convite de Aluizio Crispim, em 1946, quando cheguei por aqui. Atuei no Partido Comunista este tempo todo.

As gráficas do Partido Comunista eram invadidas em Goiânia e em São Paulo. Eu era estudante do Colégio Estadual José Ludovico de Almeida e vivia mais reservado. Aqui tinha o companheiro Washington Barbosa, ele era militante e dirigente do jornal “Frente Popular” de Anápolis que pertencia ao Partido Comunista.

Nesta época existia uma verdadeira unidade no Partido. Atuaram no Partido: Moacir Brechó, Walter Valadares, Paulo Nunes Batista, vivo até hoje. Aqui militava, também, João Carolino, Cláudio Mendes, Doutor Fuad e vários outros companheiros.

O Partido era uma verdadeira unidade de força, toda burguesia de Anápolis queria o apoio do partido, todos os prefeitos eleitos tinham o apoio do PCB.

MILITÂNCIA E PRISÃO

Eu era dirigente do PCB, mas na época da ditadura ajudava, também, a organizar o PMDB. Fui, também, delegado do PMDB. Naquele tempo só existiam dois partidos e eu atuava politicamente no PMDB e liderava a facção do PCB em Anápolis.

Veio a Ditadura Militar e Anápolis foi, em Goiás, o verdadeiro foco da perseguição política. Aqui foi decretada área de segurança, justamente pela influência do Partido Comunista. Naquela época em Anápolis eram todos censurados e comunistas, Foi concentrada a verdadeira perseguição aos comunistas em Anápolis, muitas prisões foram feitas aqui, inclusive as dos deputados Haroldo Duarte, Fernando Cunha e Adhemar Santillo, todos apoiados pelo partido.

Anápolis transformou-se em verdadeira resistência porque o partido era mais concentrado aqui, inclusive elementos fundadores da cidade pertenciam ao partido. Tivemos aqui Aldo Arantes, Chilô Batista - que pertencia à família criadora da cidade de Anápolis - e Aluizio Crispim, todos estes eram elementos que pertenciam ao partido.

Primeiramente tínhamos o jornal “Frente Popular”, todos os membros do partido eram acionistas, inclusive eu. Ronaldo Valente tomava todas as decisões. Transformamos o jornal

em gráfica, negociamos e vendemos nossas ações a Washington Barbosa, que ficou na direção da gráfica Alvorada. A gráfica se manteve funcionando por muito tempo, até que Washington Barbosa, que passou pela prisão e por perseguições, a vendeu. A gráfica fechou após o golpe.

Eu era estudante secundarista naquela época e não fui preso. Naquele período aqueles que eram mais reservados, aqueles que a ditadura ainda não tinha colocado os olhos, “funcionaram” livremente até 1972. Por volta de 1972 caiu todo o partido.

Eu nunca abandonei a militância, eu tinha uma confiança muito grande em Prestes, o tal Prestes era um talento. Recebemos Prestes com uma banda de música, ele fez um importante discurso na Câmara Municipal. Oferecemos um jantar a ele com trezentos talheres. Eu sempre participava de tudo no centro das atividades. Prestes tinha uma deferência muito grande a minha pessoa. Na época que estávamos perseguidos ele mandou um emissário me perguntar se eu queria me exilar, eles temiam que a ditadura me matasse.

Tenho treze filhos, eles estavam todos pequenos, e eu dizia que livrar só minha pele eu não iria livrar, então mandei dizer a ele que preferia morrer junto dos meus filhos.

Com o intermédio de Prestes enviei quatro estudantes daqui para fazerem curso superior, inclusive minha filha que é médica na Rússia, e doutor Lenine.

Por essas ligações é que eles me “baixaram o pau” e eu não neguei o que sou por isso. Nessa época me ameaçaram. Eu nunca negava o que eu era e andei falando umas verdades ao inquiridor. Quando queriam buscar o Henrique Santillo, eu falei que ele não era comunista e que meu pai nunca havia me ensinado a mentir. Falei ao coronel: se for para mentir para o senhor, prefiro que me leve para o pelotão de fuzilamento. Corri um grande risco, não sei de onde saiu essa coragem. Ele me mostrou que Henrique Santillo seria preso, e eu disse a ele que Henrique não militava em partido comunista, mas que eu militava, não neguei ser da linha de Prestes.

Éramos funcionários públicos na prefeitura de Henrique Antônio Santillo, eu era diretor de feiras livres e fui preso em uma feira.

Primeiramente fui levado para Goiânia, no quartel 4ºBC. Fiquei oito meses na solitária, eram uns treze elementos presos em uma cela só, éramos incomunicáveis, só nos comunicávamos com a turma que estava ali. Tomava-se somente o sol do meio dia. Geraldo Tibúrcio, Orestes Gomes, Alaor, Zé Fernandes, Washington Rabelo, João Silva, todos eram da nossa turma que estavam presos no PIC. Depois que saímos da cela separada ficamos uma temporada em uma cela comum, um salão no centro do PIC. Bailão estava junto comigo e José Porfirio estava em outra cela. Inclusive, essa noite sonhei com Bailão, nós morríamos em nome do Partido. O sonho era tão real, eu o via como estou te vendo aqui. No sonho ele não havia envelhecido nada. Deram-me uma surra de choque elétrico, fiquei desacordado. Levaram-me para Brasília e no gabinete do inquiridor me deram outra surra de choque elétrico.

Fiquei no PIC por oito meses, incomunicável, sem ver o Sol nascer nem se pôr. A tortura era terrível, mas de tudo que passei ainda fui o menos torturado. Prenderam o Sebastião em São Paulo e o torturaram. Bailão também foi bastante torturado. Bailão morreu cedo devido a tortura a que foi submetido.

No dia em que mataram Ismael, eu estava preso no quartel. Nós nos reuníamos com os estudantes daquela época, o Ismael era universitário e fazia o terceiro ano de Direito. Tenho

lembrança da morte do Ismael. Acredito que o mataram. Naquela época não me lembro de escutar sobre enforcamento, ele morreu devido às torturas.

Levaram-me, me deram uma surra de choque elétrico em que fiquei desacordado, perdi muito sangue. Era tudo muito terrível naquela época.

Fui também sindicalista. Fui delegado sindical da conquista do salário mínimo e décimo terceiro salário para o trabalhador brasileiro. Como delegado compareci junto ao presidente da República daquela época. Era uma luta terrível.

Na época que estávamos presos em Goiânia mataram Manoel Fiel Filho e Vladimir Herzog. Foi naquela época que Geisel tomou a iniciativa de mudança. Muitos não resistiram, muitos companheiros morreram. João Querubino foi um deles. Ele tinha nove filhos e colocou os nove cursando nível superior. Ele era músico, consertava sanfonas.

Fui condenado a quatro anos de prisão, dois em liberdade condicional e dois anos no cárcere. Fui libertado por força judicial depois de dezoito meses. Meu advogado foi o Dr. Rômulo Gonçalves, procurador do Estado. Fui libertado e me colocaram um processo de quatro anos, no Tribunal Militar. Eu tinha 48 anos.

Nessa época em que fui preso a cidade foi colocada em área de segurança, e eu nunca deixei de lutar, carregando processo nas costas, mas toda a vida lutando junto com meus companheiros.

Eu fui funcionário da prefeitura de Anápolis no gabinete da Administração por 17 anos. No mandato de mais de quatro prefeitos fui chefe de gabinete da Administração Pública do Município. Particpei de muitas lutas, da caminhada das Diretas Já, e pelas eleições de 1982 quando elegemos Iris Rezende governador do Estado. Mesmo respondendo processo, sempre particpei e nunca deixei de atuar.

LEMBRANÇAS

Tive uma boa formação no Partido Comunista. Estudei Marx, estudei o manifesto de Marx lançado em 1848, que convidava os trabalhadores do mundo a unirem-se. Foi ali que surgiram os sindicatos e as organizações de trabalhadores. Marx afirmava naquela época que o capitalismo era o maior coveiro, ele mesmo prepara sua própria sepultura. Isso está acontecendo de lá para cá, os estados capitalistas que se dizem a supremacia do mundo estão todos em crise. Confirmam-se as palavras de Marx.

Tenho saudade da época da Guerra Fria, da União Soviética, porque a União Soviética liderava a parte considerada lúcida dos trabalhadores do mundo. Na Guerra Fria como na Guerra do Vietnã morreram três milhões de pessoas, mas venceram a guerra. O Vietnã hoje prospera. Houve a Revolução Chinesa em 1949 e a China hoje também prospera. O capitalismo é que está cada vez mais em crise e caminhando para o fim.

Nasci em 1924. Lembro-me daquela marcha dos estudantes, me lembro de que eram trezentos mil liderados pelo estudante Edson Luís. Naquela época eu tinha um grande apoio do então prefeito Henrique Santillo, de Iris Rezende e Anapolino de Faria, foram três homens que me

deram verdadeiro apoio durante toda minha caminhada. Essa época é inesquecível pra mim pelo apoio que recebi desses três homens.

Na década de 1950 fui do sindicato, época em que compareci como delegado, juntamente a outros quinhentos delegados do país inteiro no governo de João Goulart. Conseguimos a aprovação do décimo terceiro salário e do abono de família. Essa foi uma época marcante também. O deputado que nos dava "cobertura" era Roberto Morena, que era um deputado também sindicalista.

No ano passado, em meu aniversário, chamei vários desses companheiros. O companheiro Saulim, que é músico, Maristela, Clóvis Bueno, Pedro Afonso, que foi vereador, Tediê, Luiz Lopes de Lima, Raimundo, Dr. Iran, ainda existem vários companheiros vivos, porém estão dispersos.

Em 1969 eu trabalhava de alfaiate por conta própria, foi daí que, a convite de Henrique Santillo, passei a realizar duas atividades: reorganizar a banda da prefeitura, "Lira De Prata de Santana" da qual sou presidente e fundador e reorganizar as feiras livres. Fui nomeado e contratado como diretor das feiras livres e reorganizador da banda. Eu tocava trombone e bombardine, montamos a banda com quarenta instrumentos, tocávamos todos os dobrados cívicos para nosso povo. Eu trabalhava na moda e fiz os ternos de gala da banda. Quando fui preso a banda ficou desfalcada. Eu que dava as determinações de comando para a banda, indicava o maestro, indicava tudo. Deixei tudo preparado e disse ao maestro escolhido por mim, que eu estava indo preso, mas que no dia 31 de julho colocasse a banda para desfilar.

Na minha juventude fazíamos alvorada. Às 5 horas íamos aos colégios "puxar" os desfiles e ficávamos até o meio dia quando terminava a caminhada. Eu tinha um cuidado e um zelo muito grande por essa banda, tanto que o último prefeito da cidade da Anápolis me entregou o título de presidente de honra. Em 1959 nós tocamos para Juscelino no eixo rodoviário.

Em toda minha vida fui contra aquele que atrasa com o pagamento do assalariado. O prefeito a quem eu servia era Adhemar Santillo, eu fui criador de partido, sou formado em Ciências Sociais e toda minha pós-graduação foi em Ciências Políticas. Os salários estavam atrasados, me reuni com Adhemar Santillo, que era meu chefe, e disse a ele: Prefeito, vamos fazer uma parceria com o governador do estado e por o pagamento do funcionalismo em dia. O prefeito, que foi colega meu quando fizemos o curso médio, me respondeu: Você quer o que Alexandre? Seu partido não tem nem voto.

Meu partido naquele momento era o PPS, Partido Popular Socialista. Fiquei engasgado com aquilo. Chamaram-me na fazenda do Ernani, e eu portador de todas as campanhas que fizemos, a de Getúlio Vargas para a criação da Petrobrás, a campanha de Juscelino Kubistchek para a criação de Brasília, me situei em um discurso, coloquei toda essa minha passagem pelo sindicato, todas as conquistas, coloquei tudo no discurso. Quando terminei, Ernani de Paula levantou-se e me perguntou se eu tinha uma ficha para que ele se inscrevesse no Partido, eu tinha e o fichei. No dia da convenção ele compareceu e disse que queria ser candidato a prefeito de Anápolis, eu disse a ele que iria lançá-lo como candidato com um porém, ele teria que investir na política. Eu disse a ele: Quem não investe em política, não ganha política, Ernani. Eu assessoriei Ernani até o último voto na urna, e ele derrotou todos os outros cinco candidatos. Derrotamos todos e caminhamos vitoriosos. Ainda elegi o meu filho a vereador. Essa foi a resposta que dei a Adhemar, a resposta foi nas urnas.

A luta foi essa que contei a vocês, os detalhes necessitam ser contados em um livro, e estou escrevendo, cujo título será “A Militância Comunista na Cidade de Anápolis”.

Eu tenho livro do Malina, do Prestes, estou montando esta pequena biblioteca. Agora que estou comprando os livros, ainda não fui indenizado pela anistia, quando chegar o dinheiro comprarei mais exemplares.